

Rememorando...

» SACHA CALMON
Advogado

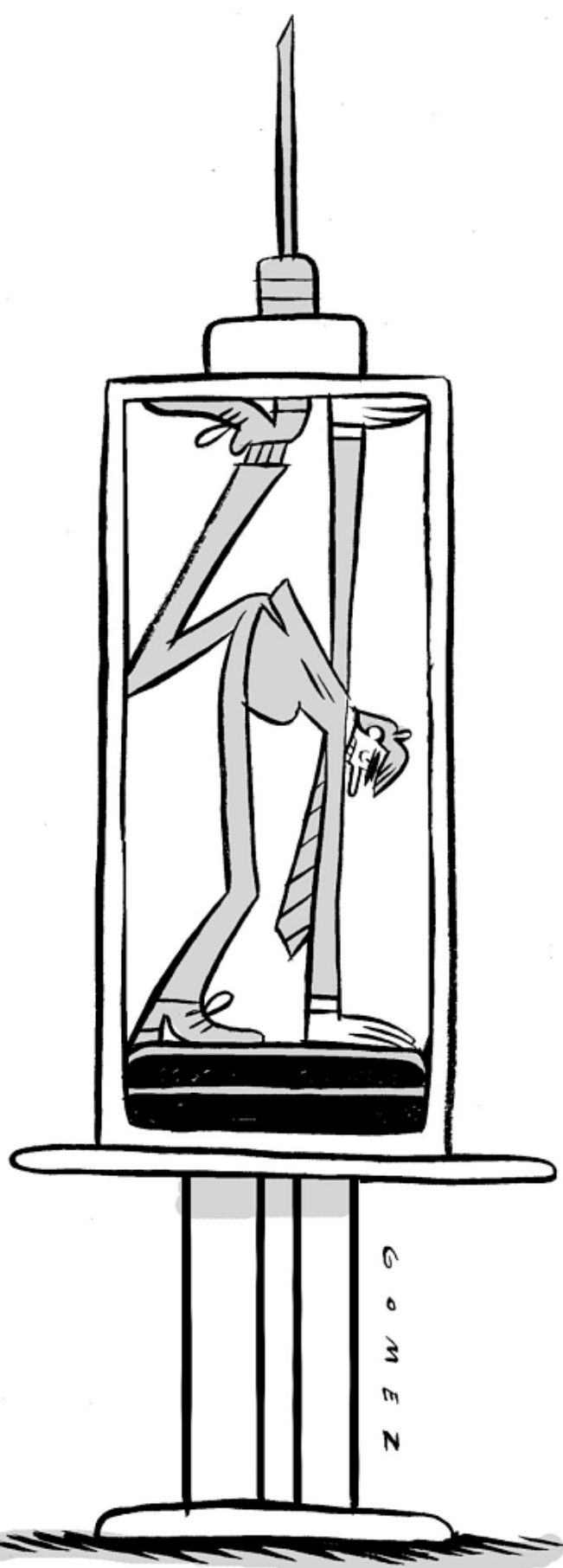
“Bolsonaro: 300 mil vidas perdidas e crescendo. Você tem culpa.” A frase dura foi disparada por Rodrigo Maia (DEM), no Twitter. Isso porque o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) culpou o ministro da Saúde, general Eduardo Pazuello, pelo atraso na campanha de vacinação do Brasil e pela perda de popularidade. A revelação foi feita pela revista *Veja*, que apurou que Bolsonaro culpava Pazuello pelo atraso das vacinas.

Mais cedo, nas redes sociais, Maia (DEM) criticou diretamente o presidente e afirmou que “Bolsonaro é covarde”. À noite, Maia repetiu, ao vivo, no programa *Brasil Urgente*, o que afirmou no Twitter. Procurado pelo apresentador do programa, Bolsonaro disse a Datena que não se pronunciaria sobre as críticas. “Não vou dar palanque para ninguém”, disse Bolsonaro rapidamente.

“Chamei, porque quem nomeia os ministros, quem determina a política é o presidente. Se o ministro errou, quem errou foi o presidente. O ministro é um subordinado do presidente. Quando ele quer transferir para o ministro a responsabilidade, é um sinal de covardia total”, afirmou ainda que se Bolsonaro “quer transferir para terceiros ou para o próprio ministério a responsabilidade, não merece estar onde está. Mas nós respeitamos o resultado das urnas, mas ele precisa respeitar também o seu papel. Quando ele transfere para terceiros a sua responsabilidade, ele é um covarde”. Ataque tão arrasador há tempos não se via e bem estruturado, além de veraz.

Maia também disse esperar que a imunização dos brasileiros não seja mais politizada nem leve em conta apenas sua origem. “Eu espero que tenha responsabilidade e respeite a decisão da ciência. A vacina do Butantan está aprovada, não precisa ficar procurando a vacina da Oxford na Índia para poder superar essa disputa boba entre ele e o (João) Doria, qual é a vacina que vai vacinar os brasileiros. O importante é que a gente reduza essa perda de vidas”, finalizou. A verdade é que hoje o Butantan fornece 80% das vacinas disponíveis (chinesa).

O governo federal, por meio de medida provisória, tentou requisitar vacinas, seringas e agulhas adquiridas pelos Estados para viabilizar a campanha nacional de vacinação; e outra, o jogo bruto do Palácio do Planalto para eleger os presidentes da Câmara e Senado, com apoio



ostensivo, à base de liberação de verbas e loteamento de cargos, ao deputado Arthur Lira e ao senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG), respectivamente. Essa é a nova, mas

tão avelhantada política? Se é deus chabu, pois os dois são independentes e jogam para si próprios.

A medida provisória que ponia vacinas, seringas e agulhas dos estados foi uma saída do ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, para resolver um problema criado por sua própria equipe: a não aquisição dos insumos básicos para a campanha nacional da vacinação em tempo hábil e a aposta numa única vacina, a de Oxford (produzida pela FioCruz). São tarefas que as equipes do Ministério da Saúde, em todos os governos, e todos os ministros que o antecederam, tiravam de letra, porque havia expertise de gestão no setor. Essas equipes foram desmanteladas e substituídas por militares arrogantes e inexperientes, a começar pelo secretário-executivo da pasta, que anda com uma faca ensanguentada na lapela, o broche de ex-integrante da unidade de operações especiais do Exército.

Decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Ricardo Lewandowski, proibiu a requisição das vacinas, seringas e agulhas adquiridas por alguns governos estaduais e prefeituras, entre os quais o de São Paulo. Por ironia, a vacina produzida pelo Instituto Butantan, em parceria com os chineses, a CoronaVac, que o presidente Jair Bolsonaro tentou desacreditar, acabou sendo comprada pelo Ministério da Saúde. São 100 milhões de doses que salvarão o governo federal do vexame de não ter como vacinar imediatamente a população.

Mas isso é toada já tocada. Atualmente a vacinação continua lenta. Irritantemente lenta. Mas nos Palácios de Brasília, estão todos vacinados. Nem o Presidente mostra sua cartela de vacinação. O Brasil que se dane. É preciso entoar loas aos governadores e prefeitos do imenso Brasil, cujo povo cordato não merecia sofrer tanto e ainda ser chamado de “maricas” pelo dono do poder presidencial. Mas algo nos agrada. Os chefes militares nomeados recentemente, como os antigos, são uníssonos ao falar das funções das Forças Armadas: são instituições de Estado. Servem à nação e não às pessoas, sejam elas um general ou um simples e passageiro presidente da República. Com isso, a fala de Bolsonaro que ousou falar em “meu exército” só pode ser o exército de milícias, já mais o Exército do Brasil.

Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // circacunha.dj@dabr.com.br

Nem a música escapa

Notícia corrente revela a proposta de um acadêmico da Universidade de Oxford, o mais antigo centro de educação superior de língua inglesa, fundada em 1090, no Reino Unido, para diminuir o estudo e a execução de partituras eruditas de compositores como Bach, Mozart e Beethoven nos cursos de música. A justificativa é que esses e outros compositores universais são exemplos da cultura branca, sendo, portanto, enquadrados como “muito coloniais” e contrários ao que pregam os movimentos de povos que foram submetidos ao duro processo de colonização.

De forma cuidadosa, o corpo docente vai aos poucos incluindo informações como a nomeação de um novo professor de música popular que vai expandir o leque de composições de hip-hop global, música, mente e comportamento no primeiro ano, e de trovadores e madrigal Renascentista à sinfonia do século 19, mulheres na música popular, história da educação musical e world jazz nos segundos e terceiros anos. A universidade expressa a ansiedade de compartilhar o novo curriculum nos próximos meses.

Se a direção da instituição realmente autorizar essa mudança, o que ainda não aconteceu, será mais um embrulho falso das novas ideologias que nada têm a apresentar, no mesmo nível e padrão de qualidade que se compare a esses compositores. Por essa classificação bizarra, há que banir também, milhares de outros artistas, filósofos e produtores.

Causa surpresa que em outras épocas, essa quase milenar universidade soube enfrentar com destemor, outros movimentos anticulturais. Agora, assistir que ela se curve às pressões de movimentos avessos a ilustração e nascidos em meio ao caos e a violência é um fato grotesco. Esse é, infelizmente, o caso do Black Lives Matter (BLM), que tem pressionado a Universidade de Oxford a exilar esses e outros compositores, não pela genialidade que deixaram em forma de partituras celestiais, mas, e, tão somente, com base na cor da pele.

Sem dúvida trata-se aqui de uma reedição do Index Librorum Prohibitorum, ou da lista proibida contra o livre pensar, baixado pela igreja em 1559 no Concílio de Trento, quando da instituição da Inquisição. Sob o falso argumento de que existe uma ausência de diversidade musical nesses cursos, muitos docentes estão sob pressão de integrantes desses movimentos para mudar o repertório, evitando focar em compositores célebres da música europeia e branca, que de acordo com essas novas ideologias tem causado grande sofrimento aos estudantes negros.

Também outras atividades estão na mira desses movimentos nessa instituição, como é caso de ensino do piano e de regência, vistos que ambos “centralizam estruturalmente a música europeia branca.” Não se sabe onde pressões de movimentos dessa espécie pode conduzir o ensino da música e o ensino de modo geral nessa e em outras universidades em solo europeu.

Na França, como o crescimento exponencial dos movimentos e da tradição muçulmanas, pressões semelhantes também têm ocorrido, visando também um banimento da cultura humanística ocidental e sua substituição por regras, sharias, ordenamentos e outros mandamentos contrários a liberdade de pensamento e de escolhas, fundamentais para nossa cultura. Para onde vamos com a pressão desses movimentos não sabemos ainda. Por certo não devemos seguir nessa direção que pode nos levar ao aniquilamento do que somos, acreditamos e queremos.

»» A frase que foi pronunciada

“Materialistas e loucos nunca têm dúvidas.”

G.K. Chesterton

Tostes

» Mesmo para os funcionários da Receita Federal, cair na malha fina é um problema bastante burocrático. Se o diretor Tostes fosse informado sobre o trâmite para o desembaraço, ficaria horrorizado com a complicação. Vale a averiguação e a solução estudada pelo diretor que mais combate a burocracia.

Marfim e ébano

» Pianistas de Brasília estão preparando um belo presente para toda a população, que está de antemão, convidada para a festa de aniversário da cidade pelo youtube ou no site da EMB. O projeto foi idealizado por Rogério Resende. São 12 músicos, cada um em seu horário. Soledade Arnaud abre os trabalhos com o Hino da Neusa França, além de

interpretar valsas, choros, e o samba Exaltação à Brasília, da mestra.

Piano

» Além de Soledade Arnaud, veja os pianistas que se apresentarão: Alexandre Romariz, Wandrei Braga, Jonathan Moyer, Renato Vasconcelos, José Cabrera, Sérgio Souza, Deborah Nilson, Toninho, Daniel Tarquinio e Breno Souza, Hércules Gomes. Veja mais detalhes no *blog do Ari Cunha*.

Minha Terra

» É tão impressionante uma loja ter atendimento exemplar que o nosso dever é compartilhar para que outros consumidores possam ser tratados como merecem: com respeito. A loja fica na Asa Norte e vende material hidráulico, elétrico e variedades. Veja a localização no *blog do Ari Cunha*.

Ameaças à Ciência

» MARCO ANTÔNIO DELFINO DE ALMEIDA, Procurador da República

» LEOMAR DARONCHO, Procurador do Trabalho

“Em junho de 2019, recebi indicação de lideranças de movimentos sociais para que eu evitasse os mesmos caminhos, para que eu alterasse os meus horários, para que eu alterasse a minha rotina, de forma a me proteger de possíveis ataques dos setores econômicos envolvidos com a temática sobre a qual eu me debruço.”

O trecho da carta da dra. Larissa Mies Bombardi, professora do Departamento de Geografia da USP, chocou os defensores da pauta civilizatória. Trata-se de ameaça à ciência independente, que aponta riscos ao meio ambiente e à vida humana. Num tempo de fúria contra medidas sanitárias, o obscurantismo também mostra as garras diante da ciência que expõe as mudanças climáticas e os danos ambientais de métodos predatórios de produção. A ameaça à dra. Larissa representaria mais um triste episódio na escalada do raso senso comum contra o conhecimento científico.

Em seu didático Atlas Geográfico do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia, a dra. Larissa alerta para a permissividade aos agrotóxicos, presentes inclusive na água que sai de nossas torneiras. A obra tornou-se referência obrigatória nos espaços em que o tema é estudado com seriedade, no Brasil e no exterior. Prova de sua relevância é a solidariedade imediata de uma série de instituições acadêmicas e governamentais, além das organizações da sociedade civil de defesa contra os agravos dos insumos químicos à natureza e à vida humana. A prática da intimidação a cientistas

não é nova na história. Giordano Bruno, Galileu Galilei e Charles Darwin são alguns dos casos mais conhecidos. Em 1962, a autora de *Primavera Silenciosa*, Rachel Carson, demonstrou cientificamente os danos de agrotóxicos organoclorados ao meio ambiente e à saúde humana. Sofreu uma campanha difamatória repleta de ataques pessoais, à sua condição de mulher pesquisadora. Ilustra os ataques o trecho de carta publicada na revista *The New Yorker*: “A posição de Rachel Carson reflete suas simpatias comunistas. Nós podemos viver sem pássaros ou animais, mas como demonstra a atual queda do mercado, não podemos viver sem a economia”.

Na mesma época, o golpe militar de 1964, no Brasil, desencadeou a perseguição explícita à ciência, com as icônicas ocupações da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e da UnB. À ocupação, seguiram-se as cassações, com o AI-5, de abril de 1969, em que foram compulsoriamente aposentados 41 professores universitários. Em 1º de abril de 1970, 10 cientistas da Instituição Oswaldo Cruz (precursora da Fiocruz) foram cassados com base no mesmo AI-5. Entre eles Herman Lent, referência mundial no estudo de besouros, o inseto transmissor da doença de Chagas, no episódio conhecido como *Massacre de Manguinhos*.

É fundamental que não haja indiferença diante desses tristes episódios. O Estado deve respeitar, proteger e garantir o livre pensar. Não é cabível que a ciência, que agonizou com o negacionismo religioso e ditatorial, curve-se ao negacionismo alimentado

por milícias digitais. É dever das instituições do Estado a tempestiva apuração dos fatos. Não é admissível que um país, reconhecidamente perigoso para jornalistas naturalize, as ameaças a cientistas.

O episódio também joga luz no déficit de reconhecimento do protagonismo das mulheres cientistas. O livro *La Ciencia Oculta*, editado pela Fundação Dr. Antonio Esteve (Espanha), examina o papel de 14 grandes pesquisadoras relegadas ao segundo plano, ou deixadas no miserável anonimato, apesar da grande contribuição para a ciência. “O papel da mulher na ciência esteve — e está — cheio de dificuldades”, resume o autor. A narrativa da covarde ameaça descortina a desigualdade de gênero e a falta de apoio no local de trabalho, expondo dramaticamente a assimetria na carga das responsabilidades domésticas no cenário pandêmico, com a sintomática reflexão da dra. Larissa: “Eu me perguntava: como uma mulher, mãe de dois filhos, única responsável pelas crianças e pela rotina das crianças poderia mudar algo na rotina”.

O recrudescimento da pandemia, com intensas perdas e muita dor, que também resulta do desprezo para as orientações da ciência, é mais um alerta para que a sociedade, que se pretende civilizada, tenha consciência dos danos causados pela sanha negacionista em relação aos agrotóxicos. A ameaça a cientistas compromete as possibilidades de um ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, para as presentes e futuras gerações.

»» História de Brasília

Agora, participando do mesmo espírito, da mesma orientação, Jean Pouchard saiu-se com esta belezinha: “Vamos torcer pelo sol, porque estaremos torcendo pelo Arpoador em estado de beleza.” (Publicada em 31.01.1962)